

UM CONVITE AOS PORTAIS DA TERRA, E À TERRA DE PORTAIS

Alessandro Dozena¹

MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; BATISTA, Gustavo S. (Orgs.). **Portais da Terra: Contribuições dos estudos humanistas para a Geografia Contemporânea 1**. Teresina: EDUFPI; Cancioneiro, 2023. 550p.
Ebook EDUFPI: ISBN: 978-65-5904-243-2.
Impresso Cancioneiro: ISBN: 978-65-5380-152-3.

BATISTA, Gustavo S.; MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther (Orgs.). **Terra de Portais: Contribuições dos estudos humanistas para a Geografia Contemporânea 2**. Teresina: EDUFPI, 2024. 230p.
ISBN 978-65-5904-328-6
e-ISBN 978-65-5904-326-2

Ler os livros “Portais da Terra: Contribuições dos estudos humanistas para a Geografia Contemporânea 1” e “Terra de Portais: Contribuições dos estudos humanistas para a Geografia Contemporânea 2” foi para mim, uma enorme satisfação. Todos os seus capítulos evidenciam diálogos frutíferos com as abordagens humanistas presentes em vários campos do conhecimento, destacadamente nos da Geografia. É muito motivador notar a movimentação do(a)s pesquisadore(a)s do Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural (GHUM) e demais parceiro(a)s deste grupo, todo(a)s interessado(a)s em edificar perspectivas originais, múltiplas e contributivas.

A última vez que tive a satisfação de escutar atentamente Lívia de Oliveira, uma das fundadoras e referências do GHUM, aconteceu no SEGNUM realizado em Niterói, no ano de 2019 (sua última conferência em vida).

¹ Professor Associado do Departamento de Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN. sandozena@gmail.com.
✉ Avenida Senador Salgado Filho, 3000, BR 101 km 92, Lagoa Nova, Natal, RN. 59078970



Foi ali que a ouvimos entoar a sua formulação acerca dos Portais da Terra, e eis que os livros organizados por Eduardo Marandola Jr., Werther Holzer e Gustavo Silvano Batista reverberam essa ideia-força potente.

Os livros estão entrelaçados, mas são capítulos diferentes. O primeiro volume foi pensado nas vésperas da pandemia da COVID-19, pensado para ser lançado no XII Seminário Nacional sobre Geografia e Fenomenologia (SEGHUM), que aconteceria em Teresina em 2021. O subtítulo seria o tema do evento, e por isso o GHUM se propôs o processo de composição de textos originais que abrangessem vários temas (Educação, Ambiente, Política e Identidade) para compor contribuições do grupo para temas que nem sempre são vistos como ligados ao campo. São 18 capítulos que trazem múltiplas perspectivas e diálogos contemporâneos.

Já o segundo volume reúne textos oriundos das palestras e mesas-redondas realizadas durante o evento, organizadas pelos mesmos temas, que ocorreu apenas em 2023, na Universidade Federal do Piauí. São 12 capítulos produzidos para o livro, que expressam as discussões e as contribuições trazidas pelo evento.

Todos os seus capítulos são reveladores de processos de pesquisas que mais do que aplicadas, revelam-se implicadas em uma construção que vem se acumulando aos poucos, por vezes de modo imperceptível, a partir de olhares originais sobre temas eventualmente já pesquisados. Os capítulos nos permitem o aprendizado de lições importantes, sendo para mim a principal: a ampliação de pesquisadore(a)s “antenados com o humanismo” tem suscitado uma resposta inventiva a muitos dos desafios da compreensão e interpretação da realidade atual; em que se torna relevante: racionalizar menos, explicar menos e experimentar mais.

Os estudos humanistas em Geografia se desenvolveram com expressividade nos últimos anos, muito pelo resgate de algumas posturas postas por geógrafos (as) clássicos do passado (a exemplo da prática etnográfica), pelo vigoroso debate e pela significativa produção acadêmica. Os livros apontam alguns rumos nos quais o(a)s autore(a)s pesquisadore(a)s e professore(a)s estão trilhando, e por onde deverão trilhar nos próximos anos.

A predominância das abordagens qualitativas destaca conhecimentos particularmente dialógicos, situados no movimento transformativo estabelecido entre pesquisador e fato pesquisado, algo que é simbioticamente instável e desafiador. Lendo os capítulos fiquei com a impressão de que a experiência de cada integrante do GHUM é única, e ao mesmo se complementa na experiência dos demais integrantes, quer pelos diálogos constantes promovidos pelas reuniões e eventos, quer pelo contexto espacial de onde cada um escreve e pesquisa, ou ainda pela especialidade/ área de atuação e compromisso de cada um(a) em edificar uma ciência-arte do amanhã.

As distintas experiências profissionais e etapas de vida do(a)s pesquisadore(a)s enriquecem os livros, bem como o compromisso com alguns problemas atuais nacionais, na busca pelo respeito à natureza e aos valores civilizatórios

internacionais. E “salta aos nossos olhos” a riqueza de conhecimentos elaborados em ato, em campo, com engajamento social e responsabilidade compartilhada com as pessoas em seus lugares.

A experiência empírica do(a)s pesquisadore(a)s autore(a)s reverbera como experiência corpórea-emotiva-perceptiva, existencialmente relacionada com abordagens criativas. Tais experiências igualmente estão associadas a dispositivos imersivos mediados pela realidade virtual, em crescentes relações de interdependência e cooperação entre o espaço e o ciberespaço; que nos provocam no sentido da inserção de inteligências artificiais, robótica, tecnologias múltiplas que agitam outros sentidos de ser humano (óculos binaurais, avatares, jogos eletrônicos, culturas transnacionalizadas em produtos, entre outros...).

Mesmo sabendo que as relações de poder acadêmicas ainda carecem das aberturas conceituais, teóricas e metodológicas preconizadas por ambos os livros, considero que um deslocamento está ocorrendo, com o propósito de compor um conhecimento experimental capaz de alavancar muitos cenários vindouros, e de promover a ponderação acerca de alguns limites disciplinares na compreensão da realidade atual. Como importantes limites disciplinares ainda persistentes, considero o pensamento binário uniformizador e a hierarquia entre os conhecimentos científicos, conhecimentos populares e conhecimentos artísticos.

Entre as contribuições humanistas para a Geografia Contemporânea aqui propostas, reforça-se a centralidade do sujeito e de sua subjetividade, incorporada nas pesquisas apresentadas, nos múltiplos atravessamentos com culturas, sociabilidades e espacialidades. Denotam-se nelas muitas resistências aos axiomas e dogmatismos amparados na razão autoritária e totalizadora, já que os capítulos enfatizam as múltiplas experiências e modos de vida nos distintos lugares. Os textos também manifestam a complementariedade entre razão e emoção, e o fato de que as experiências vividas são inflexíveis às visões unívocas das experiências objetivas predominantes na abordagens científicas.

Mais do que uma preocupação com uma filiação científica em particular, os capítulos adentram nos portais da literatura, da paisagem, do ciberespaço, da educação, da etnopedologia, da imaginação, do brincar, da cartografia, da percepção, da corporeidade, do inconsciente, dos povos indígenas, da cultura periférica, da colonialidade; entre outros; assumindo peculiar atenção às artes, às geopoéticas, às rupturas epistemológicas, aos encaminhamentos ontológicos e à fenomenologia. Tais rupturas epistemológicas têm proposto encaminhamentos que acionam outras racionalidades, não são somente epistemológicas, mas igualmente éticas e ontológicas, como as que estão presentes nos pensamentos ameríndios e afrodiáspóricos; uma discussão detalhada expressa no capítulo de encerramento do livro 1, “Qual humanismo para a Geografia Humanista?”, de Eduardo Marandola Jr. e Jamille da Silva Lima-Payayá, mas também presente no capítulo “A paisagem como ancestralidade: convocação do sagrado”, de Luciene Cristina Riso e amplificada pelos textos do Cacique Juvenal Payayá (“Povos indígenas e

a luta pela vida: por uma geografia dos povos indígenas” e da liderança quilombola Antônio Bispo dos Santos (“As fronteiras entre a Geografia orgânica e a Geografia sintética”), presentes no livro 2.

As articulações entre realidade, imaginação e virtualidade emergem como fenômenos das experiências humanas e não-humanas, expondo o potencial do “repovoar” nossos encaminhamentos no campo da pesquisa, do ensino e da extensão. Da mesma forma que a “virada linguística” afetou profundamente os métodos e os conceitos vigentes nas ciências sociais, ao enfatizar a presença estruturante das operações da linguagem na constituição dos domínios de objetividade, a “virada espacial” emergiu como um novo dispositivo epistêmico em vários campos disciplinares, gerando implicações sobre seus métodos e orientações metodológicas, algo muito patente nos textos dos livros.

A referência a esse novo dispositivo epistêmico envolve a dimensão espacial da cultura contemporânea, manifesta na centralidade e potencialidade da criação artística, na reflexão filosófica e no debate proveniente do humanismo. As obras nos convidam a adentrarmos nestes portais abertos e a aceitarmos o desafio das reformulações atuais propostas pelos “giros” descolonial, emocional e de gênero; regressando desses portais motivados pelas inspirações neles encontradas.

E essa “cultura acadêmica” que o(a)s autore(a)s apresentam está pautada em identificações múltiplas, sensíveis e empáticas com outros métodos e áreas do saber, conectadas com a existência diversa das pessoas em seus lugares, presenteando-nos com um modo humanista de se pesquisar e se refletir. Com isso, o(a)s leitor(a)s notarão, com motivação, o avanço do debate epistemológico acontecendo para além dos saberes disciplinares, implicando igualmente os saberes populares, não apenas suportes para os saberes disciplinares, mas alicerces de diálogos indefinitivamente abertos e promissores. ○